

Memórias e histórias: canudenses na cidade de São Paulo

Telma Bessa Sales*

Nordestinos em São Paulo: esse é um tema desenvolvido por diversos estudiosos e de certa forma, várias questões relacionadas a esta temática são tratadas na literatura, nas ciências sociais, além de ser assunto recorrente na televisão, na música, no cinema.

O texto a seguir pretende discutir as experiências de migrantes: homens e mulheres originários de Canudos (localizada no Nordeste do Estado da Bahia, a 410 km de Salvador) que migraram para São Paulo entre as décadas de 1950-2000 e durante as últimas décadas se organizam e assumem como centro de suas definições como grupo, a identidade nordestina e canudense. Possuem trajetórias diferentes com suas marcas, memórias, utopias, desejos, embalados também pelas histórias de vida de seus antepassados, que viveram a guerra de Canudos, cujo estudo reflete a própria história do nosso país e de seu povo.

A história e memórias de Canudos são pertinentes e atuais. É um assunto referencial da história do Brasil, consolidado na historiografia e que está presente em várias instituições como universidades, igrejas, associações, dentre outras, constituindo desta forma, um mosaico rico e plural de análises e leituras.

* Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); pesquisadora UFC/CNPQ/FUNCAP.

Este artigo, no entanto, não trata exclusivamente sobre Canudos e sim, abordará a pluralidade dos modos de vida dos canudenses em São Paulo. Privilegia os aspectos culturais deste grupo, sua presença e constituição na cidade, destacando-se pontos como as relações sociais, lazer, desejos, trabalho, sociabilidade, enfim, modos de ser e de viver.

Ao pensar em experiências e memórias de canudenses em São Paulo busco contribuir para uma melhor visibilidade desses sujeitos sociais que no cotidiano constroem a cidade e se reconstróem enquanto grupo canudense, ressignificando suas experiências.

Nesta direção vale ressaltar o trabalho de Khoury (2001, p. 80), que vem dando outro enfoque para a reflexão sobre os sujeitos sociais quando aponta:

Esses sujeitos sociais são pessoas vivas, que se fazem histórica e culturalmente...Vivendo experiências de trabalho, construindo modos de viver e de se organizar, sobrevivendo em becos, ruas, com bagagens culturais diferentes.

A opção em se trabalhar com esta abordagem implica pensar os sujeitos sociais dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias, bagagens culturais, relações sociais, etc...Tal perspectiva considera a pluralidade, as diferenças entre pessoas e a construção de uma história aberta e participativa, no dizer de Fenelon (1983, p. 74):

Abre a possibilidade de produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele [...] na esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora.

Com esta perspectiva, incorporar os migrantes canudenses nos estudos de uma história social e da cidade de São Paulo significa a incorporação de um novo sujeito social no estudo histórico, e possibilita uma nova dimensão sobre o tema, privilegiando não apenas os aspectos políticos e econômicos da cidade, mas valorizando os aspectos culturais deste grupo, sua presença e constituição na cidade, vendo suas relações sociais e modos de vida.

O estudo, portanto, não somente identifica nordestinos em São Paulo, mas ao indagar sobre as diversas maneiras de viver na cidade, explicita as diferenças das experiências sociais vividas com dinamismo nas relações e processos marcados por tensões e conflitos. Tudo isto dentro de um determinado campo de forças e permanente disputa por espaços, territórios, visões de mundo, símbolos.

Nesta dimensão, a demanda que se coloca em todo processo é a de não ter uma análise homogeneizadora dos modos de ser e de viver dos canudenses. Reconhecer a pluralidade e ambigüidades das diversas formas de viver desta população nordestina, sinalizando trajetórias diversas, e peculiaridades deste grupo. Compreender assim, as expressões de suas culturas presentes num campo de tensões com experiências compartilhadas e que também são diferentes e contrastantes.

Esta forma de abordar a temática do processo migratório de nordestinos em São Paulo implica em relacionar as trajetórias e experiências destes, suas memórias e interpretações do vivido como partes constitutivas da cultura, compreendida como modos de ser e de viver, levando a uma mudança radical na maneira de se compor o trabalho tanto do ponto de vista de metodologia como de concepção. Ou seja, relacionando as narrativas, articulando o trabalho da memória como parte constitutiva da cultura e como forma de resistência, de afirmação de uma identidade e de ser sujeito numa nova cidade.

Neste sentido, é preciso ter uma compreensão de cultura de forma mais ampla como nos informa Williams (1989, p. 113). O estudo então, além de enfatizar as múltiplas experiências dos sujeitos, procurou atualizar a concepção de cultura, com referência especial a um grupo específico de canudenses em São Paulo, como se mantêm e quais novas questões lançam para a contemporaneidade. A partir das indicações deste e outros autores, procurei considerar dimensões fundamentais como a subjetividade, os sentimentos, as tensões e diferenças no sentido de entender, o conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes.

Cultura aqui é compreendida como experiência e modos de vida. É pensada como processo social de produção de sentidos e de um conjunto de valores expressos em tradições, costumes. Para essa compreensão de cultura como experiências vividas pelos sujeitos, acompanho as proposições de Raymond Williams quando sinaliza para a importância de

várias dimensões das relações sociais e experiências humanas. Estas são muitas vezes “desconsideradas” por análises de estudiosos que priorizam análises sistêmicas atribuindo primazia ora ao econômico ora ao político na consideração dos fatos.

Com estas reflexões, cultura pode ser compreendida como “modos de ser e de viver” e todas as questões e problemáticas sobre os canudenses neste trabalho, são analisadas tendo como referência as próprias experiências vividas e narradas por estes e cultura caracterizada como “modos de viver e de lutar”, que vai sendo construída e enraizada na realidade social e está em movimento e constante transformação. É um campo de produção de sentido no qual as pessoas se expressam, interagem e vivem.

Uma questão que orienta o estudo é uma reflexão que venho desenvolvendo desde o meu Mestrado de que trabalhar com “memórias” significa trabalhar com um campo de disputas e de diálogos. Nesta direção, o foco central deste trabalho então é, além de localizar canudenses em São Paulo, explicitar os diferentes modos de viver, compreender suas trajetórias dentro de um processo de deslocamento vivido de forma violenta, e que faz parte de um processo mais amplo que seria a mobilidade social não só no Brasil, mas em todo mundo, onde populações vivem em um contínuo movimento entre cidades, regiões, países, continentes.

Este movimento vem questionando de alguma forma, a ordem vigente no aspecto do fechamento de fronteiras, na existência de uma legislação mais dura com relação aos direitos dos migrantes e, sem falar, no enfrentamento de grupos étnicos com policiais em diversos países da Europa, além de políticas e programas de incentivo de retorno destes para suas terras de origem.

Ao desenvolver este trabalho, um desafio que se coloca é procurar desvendar a construção de uma determinada literatura que, direta ou indiretamente, ao privilegiar o recorte de “ser nordestino em São Paulo” em suas análises, anuncia uma visão de “ser nordestino” de uma forma homogênea não respeitando as diferenças existentes em cada grupo e pessoas, reconstruindo desta forma, uma imagem de nordestino “retirante” que ao mudar para a cidade grande, viveu dificuldades, enfrentou preconceitos e através do trabalho conseguiu “vencer na vida”.

Importa compreender como se deu o processo de consolidação dessas referências e o uso destas para se falar sobre esta população específica. Esta maneira de explicações sobre os nordestinos está presente desde

o final do século XIX e, continua até hoje utilizando o mesmo tom em reportagens de revistas e jornais de grande circulação do Brasil. Desta forma, como aponta o estudo de Barbosa (2004, p.134-268), foi se construindo uma imagem do Nordeste de forma pejorativa, constituindo-a como

Uma prática combinada entre setores/textos que produziu memórias *do* e *sobre* os nordestinos... Num ir e vir de narrativas que se repetem, onde não há espaços para as diferenças, havendo um grande silêncio para as experiências vividas dos migrantes... Construíram não uma idéia, mentalidade, mas uma memória única sobre aquela população...

Importa explicitar os canudenses, não como famigerados, seguindo o estereótipo existente, mas vê-los como sujeitos de sua própria ação, e que ao contrário, através de suas histórias, se reafirmam na reconstrução de suas vidas e questionam esse olhar que foi se perpetuando ao longo dos anos.

Eles se construíram através de experiências conflituosas que hoje significam estar em São Paulo como migrantes, se constituindo e afirmando sua cultura como resistência, expressando uma visão retrospectiva de toda vivência e ao mesmo tempo, recriando maneiras propositivas de viver nesta cidade. São pessoas que viveram um desenraizamento, e no processo para reconstituir a vida, neste deslocamento do processo de migração, podem ser vistos também como aqueles que tiveram chances, descobertas e outras possibilidades das formas de viver em São Paulo.

Estes, ao reafirmarem ou realimentarem o canudense vivendo na cidade de São Paulo através das suas práticas sócio-culturais, com as suas tensões e suas diferenças, estão defendendo direitos de construir e reordenar diferenças. É uma maneira de se firmar como sujeitos em meio a tensões vividas em São Paulo e em Canudos. Ter diferenças, identificações é uma maneira de continuar a vida, de se firmar como “vencedor” frente aos desafios e dificuldades impostas pela realidade, contribuindo para a não diluição enquanto grupo e para afirmação numa nova cidade.

Para desenvolver este trabalho tive muitos estímulos, pois não é casual meu interesse em desenvolvê-lo desta forma. Devo acentuar que as questões que se articulam ao estudo também emergem de minha própria

experiência de ser nordestina nesta cidade e do envolvimento com grupos de nordestinos. Comecei a formular muitas das preocupações e indagações que se inscrevem nesse texto participando de encontros, reuniões, seminários, assembléias e estudos realizados pela CNBB e pastorais sociais, especialmente a Pastoral do Migrante e a pastoral Operária da qual sou integrante desde 1995.¹

Aliado a essa circunstância, a realização do Mestrado contribuiu efetivamente para uma mudança no meu modo de pensar e pesquisar. O tema deste foi sobre os metalúrgicos (os ferramenteiros) da Volkswagen de São Bernardo do Campo, e para desenvolvê-lo, realizei entrevistas, dialogando com estes interlocutores sobre como sentiam a realidade do trabalho na fábrica Volkswagen. O referido estudo analisou as experiências vivenciadas pelos trabalhadores marcadas por sentimentos vários como a relação com as novas máquinas, o tempo real no chão da fábrica, o sentir-se “obsoleto” frente às novas tecnologias, o desaparecimento de ofícios como ferramenteiro (Sales, 2000, p. 87-97).

História Oral

Tornou-se fundamental no processo do estudo, o recurso da *metodologia da história oral*, considerando prioritariamente as narrativas de canudenses. Inicialmente selecionei dentro dos grupos de migrantes da pastoral alguns grupos de nordestinos: alagoanos, baianos (canudenses) e piauienses. A partir de análise e diálogo com os participantes, tendo em vista a problemática da pesquisa optei pelo estudo com os canudenses por se tratar de um grupo que se organiza enquanto canudenses, tendo uma rede de relações na comunidade em que vivem.

No diálogo com os canudenses estabeleci relações com as próprias experiências dos sujeitos, através de suas narrativas e interpretações do vivido, realizando entrevistas que se colocam de maneira peculiar, pois é, neste exercício, do conhecer e de se deixar conhecer, que se apreende um universo revelado pelo outro.

1 A CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil possui em sua organização várias pastorais que têm preocupação com causas sociais como: Pastoral da Criança, do Menor, Operária, da juventude. A Pastoral do Migrante é uma pastoral voltada para o processo de mobilidade social e o migrante.

É através das entrevistas, que os mesmos falam de si mesmos, de suas experiências no trabalho, falam de seus filhos, os pensamentos sobre o futuro, o mundo hoje. Pois, colocam-se frente ao fato de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que evidentemente, é a história vivida por eles, em um determinado tempo e espaço.

Nesta direção, a experiência de entrevistador não está pautada na relação hierarquizada, e sim, buscam-se relações entre iguais, uma experiência de igualdade, entre pessoas que têm vivências diferenciadas e que dialogam. Nesta forma de encaminhar a relação, o pesquisador também é “estudado” pelo seu entrevistado, portanto, há sempre duas visões. Reconhecer isso é criar um ambiente de confiança e uma relação com o entrevistado.

Vale ressaltar que a História Oral é, em primeiro lugar, a arte da escuta e do diálogo assinala História Oral é um trabalho de relação: relação entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista (diálogo); a relação entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala (memória); a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita (do historiador), conforme indica Portelli (2000, p. 3).

Nesse processo de construção dos caminhos da pesquisa, a partir do diálogo com os depoentes, fui localizando-os e as suas experiências levantavam outros nomes e delineavam os percursos que eu deveria seguir... Sempre respeitando as múltiplas experiências, as tensões existentes neste processo e as questões analisadas por mim e que considerei importantes para o trabalho de investigação e elaboração do texto. Nestes termos, uma metáfora usada por Portelli (Idem, p. 37) é:

Eu sempre pensei que uma entrevista fosse como um bailar: você vai onde te leva o teu parceiro. O parceiro, porém, deve saber decidir onde se pode andar, e vão em direção ao imprevisível. Isto indica que, no final, você dispõe de um tipo de material infinitamente mais rico que aquele que você procurou.

Conversar e refletir com estes nordestinos, sem dúvida, ampliou a percepção sobre minhas próprias raízes, pois se deve levar em conta que realizar uma entrevista é uma experiência com dimensão interpessoal que

transforma a ambos os sujeitos (o narrador e o historiador social) e viver este momento com atenção e paixão significa viver uma experiência de aprendizagem.

Os canudenses

Os migrantes canudenses possuem vínculos de parentesco, compadrio e amizade, ligando regiões de origem e destino, através das informações que são transmitidas entre os que moram em Canudos e os que moram em São Paulo. O grupo exerce a função de dar apoio aos que chegam a suas experiências ao universo da cidade. Essa “mobilidade” de idas e vindas é permanente, e o tempo é dinâmico, pois há visitas, “passagem” de parentes em São Paulo para tratamento médico, enfim, essa “ponte” do local de origem e destino é forte, ampla e constantemente reinventada.

Os canudenses têm concentração mais expressiva na Zona Sul de São Paulo: Jardim São Luis, Jardim Jacira, Jardim Marcelo, Piraporinha, Capão Redondo, Grajaú, Parque Santa Madalena, Jardim Ângela, Campo Limpo. Espalha-se ainda, por bairros da Penha, São Mateus, Itaquera, Freguesia do Ó, Perus e também em municípios vizinhos: Taboão da Serra, São Bernardo do Campo, Santo André, Mauá, Guarulhos.

As reflexões sobre a seleção de depoimentos foram formuladas ao longo da pesquisa e dentro do grupo de canudenses, selecionei os que chegaram na década de 1950 e 1960 como José Macedo e José Dantas, atualmente são aposentados e são chamados por mim “desbravadores de caminhos” na luta pela sobrevivência na cidade e que podem ser considerados como os “patriarcas”. Depois, uma “leva” chegou na mesma época que José Alôncio e Leonildo Rodrigues que tiveram acesso aos estudos em escolas públicas municipais. Posteriormente, vieram o Gilberto Nascimento e sua esposa Maria (meses depois) no final da década de 1980, estes já com filhos.

A mudança foi “um na frente e outro atrás”, na verdade Maria não esperou doze meses pelo retorno de Gilberto a Canudos (conforme combinado) e junto com seus filhos (uma de um ano e oito meses e outra de oito meses) mudou para São Paulo para enfrentar as dificuldades ao lado do marido. Antônio Pereira que chegou a São Paulo em 1995 e os que desembarcaram na cidade mais recentemente como Roberto Santos, que

mudou no ano 2000 e encontrou apoio e moradia na cidade, com uma rede de contatos já estabelecida.

Dialogando: a União Pelos Ideais de Canudos-UPIC e o “condomínio dos canudenses”

Sabemos da presença dos nordestinos em São Paulo através de estatísticas diversas, além de várias frases senso comum do tipo: “o nordestino construiu São Paulo”, porém nós pouco sabemos das trajetórias e formas de vida criadas por estes no desenrolar dos anos em São Paulo. Este aspecto é de interesse da História Oral, por exemplo, e podemos ver a narrativa que segue de José Alôncio ao ser indagado sobre sua vida na cidade:

Telma Bessa: Conta como é sua vida em São Paulo...

José Alôncio: Então aqui em São Paulo é tudo muito diferente, é outro jeito de se viver... Mesmo morando aqui há vinte e cinco anos eu sinto algumas diferenças. Claro, eu aprendi muito... Quer dizer, não é que eu esqueci a minha história, a minha cultura sabe? As minhas origens. Certo? Não é isso. Eu mantive isso e incorporei o que São Paulo nos oferece... O conhecimento, as oportunidades de poder estudar, ter um trabalho digno, poder cuidar da minha família. Por esse lado eu devo muito a São Paulo, eu tenho consciência disso, se eu tivesse morando em Canudos eu não teria essa oportunidade de ter estudado um pouco. Eu fiz colegial, fiz um ano e meio de faculdade, não terminei, comecei administração de empresa, e quero continuar a estudar, mas certamente não vou fazer administração de empresa, eu quero fazer o curso de história. É gratificante, é gratificante estar morando aqui, estar criando a minha família, ter essa oportunidade de dar uma vida legal às minhas filhas, à minha mãe também eu vejo assim, porque ela batalhou bastante, para ter criado a gente com uma vida digna, uma vida simples mas nunca faltou nada, ela sempre teve essa preocupação de estudar, de batalhar, porque a vida nunca foi fácil, tem esse ensinamento da minha mãe mas também que São Paulo nos ensina, entendeu? Que você tem que lutar. Então eu vejo mais ou me-

nos por aí... Claro que São Paulo ajuda porque é o lugar do trabalho, é o lugar que vive e respira trabalho 24 horas por dia, então por esse aspecto acho que São Paulo contribui, claro... Porque tem também a história de ser nordestino de ter vindo de lá e dizer: vou encarar a vida e vou vencer, acho que tem muito isso, entendeu?

Esta passagem das narrativas de José Alôncio possibilita várias reflexões. Ao chegar à cidade, ainda adolescente, ele estudou em escola pública, conheceu pessoas de vários lugares do país, conviveu com paulistas e cresceu dentro da dinâmica de uma metrópole. Sua forma de ver a cidade é interessante: ele assimilou de forma seletiva o que viu em São Paulo, desde trabalho, alimentação, músicas, e hoje, é um nordestino que conhece e gosta de viver em São Paulo.

Suas experiências e relações construíram possibilidades de convivência com outras culturas. Por exemplo, em outro momento de suas narrativas afirma que adora pizza, rock e também gosta das coisas do Nordeste: carne seca, bode, forró. Ao lado disso, conta sobre conquistas que obteve e que não poderia tê-las em Canudos, como uma casa, um trabalho e acesso à faculdade. José Alôncio afirma ser canudense de paixão, que mantém viva suas raízes, e, do grupo dos canudenses, ele é o que mais intensamente acompanha e promove momentos específicos do ser nordestino: Faz reuniões na casa da sua mãe para comer carne de bode assada, faz forrós em sua casa, participa das festas juninas em São Paulo, além de criar uma associação cultural de canudenses.

Hoje, aos quarenta anos, diz que sabe aproveitar bem o que tem de melhor na cidade e ao mesmo tempo mantém viva sua cultura, apontando talvez um hibridismo, ou a melhor forma (possível) de viver sua cultura em São Paulo, se apropriando de outras dimensões que a vida vai oferecendo. Quando perguntei como é sua vida em São Paulo, e de que forma vai fortalecendo suas raízes, este, aproveitou a “deixa” e se antecipou falando dos seus sentimentos:

José Alôncio: Então é assim, sou um pouco paulistano porque faz vinte e cinco anos que moro aqui. Tem algumas coisas que aqui mesmo, eu não esqueço, eu frequento, coisas relacionadas ao nordeste, onde tem espaço que divulgue a história, as coisas do nordeste, onde tem restaurante com comidas típicas, exposição

de músicas, eu estou ali, estou querendo aprender, saber. Assim eu me sinto mais nordestino que propriamente um paulistano.

Este canudense faz parte de um grupo dinâmico e organizado na Zona Sul de São Paulo. O grupo foi se constituindo num processo de diálogo, entre eles e suas próprias histórias, através de uma reelaboração do que significou Canudos, ao longo do tempo. Diálogo feito na prática de relações com os movimentos sociais, com as pastorais e a academia, que resultou num processo de releitura da guerra de Canudos com uma análise “positivada”, a respeito dos canudenses e deste acontecimento da história do país.

Este processo de construção do ‘ser canudense’, como referência específica na vida em São Paulo, foi ocorrendo a partir da década de 1990, na dinâmica de redemocratização brasileira, momento que possibilitou que estes, organizados, enquanto grupo, criassem uma associação designada União pelos Ideais de Canudos, a UPIC.

Esta associação nasceu em meio a discussões e diálogos na sociedade brasileira, após um longo período de silêncio forçado pela ditadura militar. A partir da releitura e redescoberta de José Alôncio de sua própria história, de muitas memórias sobre sua cidade, seu grupo e seu povo, participando ativamente das comemorações do centenário de Canudos, este e demais canudenses fundaram esta entidade.

A UPIC foi criada por José Alôncio, após uma viagem que fez para Canudos, em 1990, na qual constatou que *os canudenses não conheciam a história de Canudos*. Sua narrativa aponta que a UPIC nasceu das pessoas simples, dos canudenses que criaram, a partir de seu cotidiano, de suas memórias, um espaço onde conversam e fortalecem suas identidades com musicalidade, religiosidade, enfim, na cultura e pela cultura. Ao ter em comum o fato de serem de Canudos, criaram este espaço social no qual reafirmam suas presenças na cidade. Isto pode significar uma iniciativa política, onde a memória (re)significada contribui para a afirmação destes, enquanto sujeitos sociais e reconstrução de suas identidades, na cidade de São Paulo.

Este processo remete ao que Neves (1994, p. 15) informa sobre memória social:

Encontramos na noção de memória social, a possibilidade de examinar o trabalho permanente de re-construção histórica dos

significados sociais que permite captar o movimento, a transformação, a re-elaboração que é construída socialmente, enfim, a re-criação social incessante.

Estas memórias, recriadas, fortalecem vínculos, contribuem para resistência e lutas por direitos na cidade. A UPIC, através de suas iniciativas, também está na disputa de uma interpretação sobre Canudos, com sujeitos sociais que vivenciaram a experiência da migração, abrindo em certa medida, outras perspectivas para estes na constituição de *muitas memórias e outras histórias*.²

José Alôncio narra como se deu o processo de criação da entidade. Quando indagado sobre como nasceu a UPIC ele afirma:

A UPIC surgiu no início dos anos 1990, foi assim... Eu fiz uma viagem para Canudos em 1990 e conheci algumas pessoas que estavam desenvolvendo algum trabalho social, uns projetos em Canudos. Eu achei impressionante porque quando eu saí de Canudos com doze anos de idade, as pessoas não sabiam, os canudenses não conheciam a história de Canudos. De fato, existia uma barreira muito grande em se aceitar a história de Canudos. Eu acho interessante porque ela, a UPIC surgiu assim de baixo, de pessoas simples como nós somos. Então eu acho que a UPIC tem peso, tem referência por isso: por ser uma entidade que surgiu do povo, do pessoal simples, os nordestinos... Porque aqui em São Paulo, eu ouvia falar em Canudos, e chegando lá eu vi que a realidade e a história de Canudos tinham outro conteúdo. A história que eu conheço de Canudos é bem outra, não é aquela que eu li em livros didáticos.

Esta narrativa de José Alôncio indica imediatamente, que existem outras versões e histórias sobre o episódio Canudos, além das que aprendemos na escola. Inúmeras e diferentes maneiras de interpretação deste

2 Esta expressão é tema de um projeto PROCAD que envolveu alunos e professores da PUC/SP, UFU/MG e espelha-se na publicação do mesmo título: *Muitas Memórias, Outras Histórias* (Fenelon e Antunes, 2004).

período histórico são conhecidas através de filmes, artigos, livros, teses acadêmicas, revistas, poesias, peças teatrais, e que continuam em debate, diálogos e disputas. A presença de José Alôncio, como, “animador” do grupo é interessante. Ele é bastante ligado às famílias de canudenses não só da região onde mora na Zona Sul, mas também de toda a cidade.

Percebi ainda, analisando as narrativas, algumas palavras presentes fortemente nas falas como a palavra solidariedade, e que esta não é uma palavra vazia. Representa muito para eles, não somente nas falas, mas na vida concreta, em situações reais de suas experiências como, por exemplo, na construção da casa do Gilberto que foi feita em mutirão; no emprego que foi indicado para o Roberto logo depois de sua chegada a São Paulo; na ajuda para Leonildo quando da morte de sua mãe.³

Muitos exemplos poderiam ser citados, porém, uma experiência de José Dantas que chegou a São Paulo em 1968 é narrada por ele com muita alegria e orgulho. Eis sua fala:

José Dantas: Aqui tem muita amizade, muito conhecimento com os nordestinos. Essa casa sempre foi cheia. Teve uma época que moravam vinte e cinco pessoas, num quarto cozinha e só tinha eu trabalhando. Eu fazia hora extra, saía de casa sete da manhã, chegava dez da noite, fazia cem horas extras por mês e mandava o pessoal pegar as coisas no empório, quando ia pagar, o dinheiro só dava pra pagar a metade, ficava devendo pro outro mês. Eu ia pagar a conta e deixava pro próximo mês. Era muita gente em casa. Por exemplo, iam chegando e ficavam aqui. O Abdias ficou aqui uns três meses, com a família, uns três filhos. Teve a Maria, Zefinha, Lucilene, Betinha, Maria minha irmã.

José Dantas fala até hoje de como ajudou a todos, contribuindo inclusive para a construção de uma “rede” de apoio, e como vimos acima, acolhendo os parentes e amigos em sua casa. Isto demonstra como ele foi

³ Eis fala de Leonildo: “Porque nós somos muito unidos, assim, um precisa do outro, a gente está sempre ajudando, um sofre pelo outro, bate na porta do outro. Quando minha mãe faleceu, um me dava R\$ 50,00, Joice me deu o cartão de crédito dela pra levar pra Bahia, usei, cheguei, paguei. Graças a Deus. Aí nós somos assim, é sempre um precisando do outro, a gente não pode falar que não precisa de ninguém porque a gente precisa...”

desenvolvendo relações solidárias no cotidiano. Para ele, a solidariedade é importante e sempre esteve presente em sua vida.

Na perspectiva de trazer à tona experiências de canudenses que afirmam e reafirmam a vida resistindo, reconstituindo a si próprios, é importante perceber elementos culturais advindos de Canudos que permanecem e/ou se modificam na vida em São Paulo, desde a toalha de renda na mesa da cozinha da casa de Maria, até o sorvete de abacate servido em “cumbucas” de cerâmica feita pelos conterrâneos e enviadas por seu pai, etc.

Como se observou, as gerações de canudenses convivem, dialogam e reforçam os laços existentes entre si mesmos, e com os demais canudenses que estão na cidade de São Paulo, a passeio, ou para fazer uma cirurgia, ou para visitar a família. Nesta dimensão, o vai-e-vem entre Canudos e São Paulo continua, de forma recriada, reelaborada.

Além disso, algumas diferenças são marcantes no aspecto do viver o cotidiano na cidade. Como ilustração, vale destacar os espaços de moradia. Canudenses como José Dantas e Gilberto Nascimento ao chegarem foram morar com parentes, irmãos. Mudar de casa somente se mudasse de emprego, daí a necessidade de morar próximo ao local de trabalho. Após anos e anos de trabalho, Gilberto organiza um espaço de moradia para si e seus irmãos. Ao se fixar num bairro, desenvolve uma luta para garantir que seus familiares estejam próximos: “Eu tenho quatro irmãos aqui em São Paulo, dois são vizinhos, parede e meia e outro mora aqui perto”.

Outra maneira de se constituir na cidade se destaca a partir das narrativas de Roberto dos Santos. Este canudense reside em um espaço chamado por Antônio Pereira de “vila” e por Leonildo Rodrigues por “condomínio dos canudenses”. Trata-se de um espaço que possui na entrada, um portão grande de ferro que comporta dentro de um terreno quatro casas e no fundo do quintal, mais cinco casas. São ao todo nove famílias moradoras, num total de trinta pessoas. São na maioria, amigos, solteiros e todos da cidade de Canudos.

Segundo as narrativas dos que ali moram, trata-se de um terreno de área manancial. Possui luz elétrica e se localiza ao lado da represa de Guarapiranga, na Zona Sul da cidade de São Paulo. No início da construção das casas, a prefeitura embargou a obra, porém, o problema foi resolvido e hoje eles pagam impostos, sendo, portanto “tudo oficial”.

Um aspecto destacado por todos os canudenses entrevistados diz respeito a dificuldade de se conseguir uma residência própria, ou “sair do aluguel”. Para os moradores do “condomínio” este problema foi resolvido, pois até existir este espaço, a prática era morar com parentes, primos, irmãos, e quando o grupo ia crescendo, ia desmembrando, separando, ou concentrando todos na casa de um parente onde a casa comportasse. Neste sentido o lugar de moradia era o grande problema a ser enfrentado por estes.

A experiência de morar em grupos, ou morar num espaço comum, de forma coletiva e cada um em sua casa, pode ser compreendida como uma alternativa de moradia que os canudenses mais jovens conquistaram. Formaram uma vila de canudenses. São casas pequenas, que eles, aos poucos foram construindo, colocando móveis e comprando utensílios.⁴

Se para os mais antigos esse problema da moradia era impossível de se resolver, somente após anos a fio de trabalho, FGTS, para os mais jovens houve possibilidade de resolução num curto espaço de tempo.

Neste processo de conseguir espaço próprio de moradia, foram criando novas formas de sociabilidade, tendo presente conflitos e tensões entre eles mesmos. Tratava-se de conflitos entre canudenses que chegavam de Canudos e canudenses já residentes em São Paulo, bem como os conterrâneos que residiam em Canudos. Não se trata de uma discussão a respeito de definir “quem mora com quem”, mas da opção dos mais jovens em ter além de um espaço próprio, um estilo de vida diferente, de assumir prioritariamente a construção da casa própria para sair do aluguel e assim, ter uma vida independente, não residindo mais com irmão, primo.

Ao conhecer o “condomínio”, ir de casa em casa para conversar com este grupo, tive a impressão de ser esta uma experiência criativa de convivência bem diferente da vivida em Canudos. Pode-se pensar que este grupo, de certa forma, reelaborou uma outra forma de vida. Eles se inseriram na própria dinâmica que escolheram, e ao mudar a maneira de viver, mudaram também a si próprios. Não se trata de uma acomodação, mas um processo de reelaboração de um modo de vida, construído coletivamente, com significados comuns. Talvez uma maneira diferente de se firmarem em São Paulo.

4 Cf. DVD “Memorie e storie di canudenses in San Paolo” elaborado pela autora. CEDIC/ PUC/SP.

Ao andar pelo condomínio, permanecer um pouco no quintal, subir na laje de uma das casas, ver as árvores frutíferas que existem no terreno, ver as pessoas se movimentando normalmente dentro dos seus espaços, foi possível analisar esta reelaboração, uma mudança que não aconteceu de forma brusca e repentina, e o modo de viver deste grupo de canudenses que traz marcas do jeito de viver que tinham em Canudos.

Esta nova forma de morar alterou a visão de como se organizar e viver na cidade. Mudou de certa forma, a vida das pessoas, visto que ali existem melhores condições de vida para eles do que em Canudos, e, no entanto, permanecem códigos que indicam uma “continuidade” ou elementos presentes na maneira como se relacionavam em Canudos. Como exemplo, destaca-se que os que ali residem tecem elogios pra o espaço, conquista de todos, fruto de suas lutas e ao comentar sobre o que é mais importante, a evidência ocorre no aspecto de existir um quintal, onde cada um tem sua casa, todos se juntam para realizar atividades, fazer comidas coletivas, se ajudarem, etc...

Nesta dimensão, mais que uma transição brusca, foi possível sentir um “continuum gradual” como assinala Portelli (2003, p. 53-57) onde se pode perceber formas de vida que mesclam elementos culturais do público e do privado, costumes da vida interiorana de Canudos, com maneiras modernas apreendidas em São Paulo. O local mais importante do condomínio para eles é o quintal. Ali mulheres alimentam seus filhos, pessoas conversam em voz alta, de uma casa para outra, rapazes bebem, dançam e brincam no meio do quintal com musica de alto volume. O quintal é um espaço de todos, eles se encontram, conversam, enfim, pode ser o espaço público que é de todos e nele, as mulheres fazem suas tarefas tais como alimentar filhos, pedir condimentos á vizinha, lavar roupa e estendê-las à vista de todos, entre outras tarefas. As casas possuem eletrodomésticos que não possuíam quando em Canudos.

O que mudou para estes jovens canudenses após a mudança pra São Paulo e residindo no “condomínio”? Uma diferença fundamental para Roberto Santos é o próprio ritmo de vida:

Roberto Santos: Eu trabalho durante o dia, estudo a noite. Acordo as 5:30 e vou para o serviço, aí vou pra escola e volto meia noite. É muito corrido, por isso é diferente da Bahia. Lá quando marca sete horas da noite a gente já está dormindo, e só no final de

semana que a gente dorme mais tarde. È por isso que a gente sente, é diferente mesmo.

As diversas formas de morar destes canudenses não podem ser entendidas separadamente. Todos moravam sob a tutela dos pais em Canudos, ao mudarem para São Paulo, passaram a viver com tios, primos, irmãos. Os mais jovens, no ano 2000, reconstruíram uma forma diferente de morar, implicando uma nova maneira de se relacionar com a família. A vida ficou mais dinâmica, com liberdade, novas responsabilidades.

Os canudenses referidos anteriormente, José Macedo, José Dantas, Gilberto Nascimento, Roberto Santos e Leonildo Rodrigues participam de uma “rede” tecida por eles mesmos e outros mais. Ela é conforto, segundo narrativas que afirmam ser prazeroso encontrar os conterrâneos, saber de um e de outro porque ajuda a enfrentar a vida. Saber que pertencem a um grupo, que podem contar com alguém em situação de precariedade, que pode confiar nos amigos, ter casas para visitar, amigos para ir ao baile, um churrasco.

Na afirmação de ser canudense vale destacar esta experiência que demonstra a dinâmica criativa do grupo nas relações sociais. Neste sentido é importante considerar como se torna fundamental o espaço em que eles moram, observando a afirmação de um antropólogo Magnani (1998, p. 115) ao indicar “O lugar de moradia é que congrega as pessoas permitindo relações duradouras e pessoais constituindo a base da particular identidade construída no “pedaço”.

Diante desse movimento de constituição do ser canudense, constata-se que a construção deste grupo perpassa a conquista do seu espaço, do seu trabalho, bem como sua afirmação enquanto canudenses. Neste processo, conquistaram espaços e nestes, se reconhecem e elaboram referenciais para manutenção de suas práticas culturais. Desta forma, é importante pensar esses sujeitos que se apropriam de ambientes e se instituem na busca de reconhecer em seu cotidiano, seus costumes e um jeito diferente de “tocar” a vida. Ao mesmo tempo vão recriando um núcleo onde se encontram, se ajudam, vivem e se fazem a partir da marca de ser canudense. Pensar desta forma significa pensá-los hoje em seu dinamismo e criatividade, suas múltiplas falas, memórias, bem como os sentidos que atribuem a vida em São Paulo e a si mesmos.

Entrevistas

Antônio Pereira. Nasceu em 22/08/1971, em Canudos-BA. Chegou a São Paulo em 1995.

Gilberto Nascimento. Nasceu em 18/03/1962 em Canudos/Bahia.

Maria do Nascimento. Nasceu em Canudos-BA. Chegou a São Paulo em 1988.

José Alôncio Ferreira dos Santos. Nasceu em fevereiro de 1963, em Canudos-BA. Fundou a UPIC.

José Macedo. Nasceu em 8 de setembro de 1930, na fazenda Mangaba, município de Euclides da Cunha-BA. Chegou a São Paulo em 1950.

José Danta da Gama. Nasceu em 13/4/1945, em Canudos-BA. Chegou a São Paulo em 10/4/1968.

Leonildo Rodrigues. Nasceu em 10/2/1979, em Canudos-BA. Levado por seus pais para São Paulo com a idade de 11 meses.

Roberto Santos. Nasceu em 6/11/1980, em Canudos-BA. Chegou a São Paulo em 11/1/2000.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Marta Emisia J. *Os famintos do Ceará*. (Tese de Doutorado em História Social). São Paulo: PUC/SP, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. *História e Cultura*. n. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

FENELON, Déa R; ANTUNES, Laura (Org.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho D'Água, 2004

KOURY, Yara. Entre o individual e o coletivo: narrativas orais na investigação histórica. *Revista Projeto história, História e Oralidade*, n. 22, 2001.

MAGNANI, José Guilherme. *Festa no pedaço*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

NEVES, Frederico de Castro. *Imagens do Nordeste*. Fortaleza: SECULT, 1994.

PORTELLI, Alessandro. *Un lavoro di relazione: Osservazioni sulla storia orale*. Roma: 2000.

_____. Dividindo o mundo. O som e o espaço na transição cultural. *Projeto História*. Educ, São Paulo, n. 26, 2003.

SALES, Telma Bessa. *Trabalho e Reestruturação Produtiva* (O caso da VW de São Bernardo do Campo/SP). São Paulo: Annablume, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

Resumo: O artigo compreende uma investigação sobre um grupo de migrantes nordestinos canudenses, advindos de Canudos/BA, para São Paulo, entre 1950-2000. Diz respeito à vida e experiências desses migrantes canudenses com suas marcas, memórias, desejos e utopias, embalados, também, pelas histórias de vida de seus antepassados, que viveram a guerra de Canudos, como esta história está presente no imaginário daqueles que vivem em Paulo. Discute-se sobre as experiências de canudenses, com uma dimensão política no sentido de vê-los em suas diferentes formas de ser e viver e não como uma unidade homogênea, num campo de tensões e conflitos, disputas por símbolos, visões de mundo e na conquista por espaços e direitos. Incorporar os migrantes canudenses nos estudos de uma história social e da cidade de São Paulo está-se diante de outro cenário, qual seja a incorporação de um novo sujeito social no estudo histórico, que possibilita entender outra dimensão sobre nordestinos, em São Paulo, valorizando os aspectos culturais deste grupo, sua presença e constituição na cidade, considerando-se, ainda, suas relações sociais e modos de vida. Pressupõe-se que trazer à tona experiências de canudenses, dentro do processo de migração e na história social de São Paulo, coloca-se em cena, não a migração em si mesma, do ponto de vista sistêmico ou estrutural, mas as experiências dos migrantes canudenses que, ao viverem na cidade de São Paulo, afirmam e reafirmam a vida resistindo, reconstituindo a si próprios e a maneira de viver, sem desfazer os laços e as relações com Canudos.

Palavras-chave: nordestino-paulistano; memórias; heterogeneidade; sujeito social.

Memories and histories of canudensians in the city of São Paulo

Abstract: This is an investigation about Canudos migrants life and experiences, from São Paulo, from 1950, their marks, memories and ancestors life stories, who lived the Canudos War, and how this history is present on the imaginary of the ones living in São Paulo. Discuss the Canudos people experiences, not as a homogeneous unit, but as proper action subjects; to comprehend and to portray the city living ways, on an determined field of forces and competition for spaces, territory, world views and symbols. The São Paulo city social history study allows the Canudos migrants incorporation as a new social subject, valuing this group's cultural aspects, its constitution in the city, social relations and lifestyles. It is supposed that this work analyses how the Canudos people see and tell their experiences, (re)elaborate life ways, combining them with the memory work that follows every movement and transformation, looking for the overcoming of a homogenizing view of the northeast being and living.

Keywords: northeastern-paulistans; memory; heterogeneity; social subject.